



miguilim

revista eletrônica do netli

volume 8, número 3, set.-dez. 2019

OS FOLHETINS *A MÃO E A LUVA* E *HELENA*, DE MACHADO DE ASSIS



THE NEWSPAPERS SERIALS *A MÃO E A LUVA* AND *HELENA* BY MACHADO DE ASSIS

Gabriela Ribeiro NUNES

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)
RECEBIDO EM 12/04/2019 • APROVADO EM 02/01/2020

Resumo

A mão e a luva foi o primeiro romance de Machado de Assis publicado em folhetim pelo jornal O Globo em 1874. Apesar de pertencer a um gênero que tem como uma de suas características principais o suspense ao final de cada capítulo, a obra do escritor não possui uma trama elaborada o suficiente para captar a atenção do leitor oitocentista, podendo ser considerada, então, de acordo com a definição de Meyer (1996), um “romance em folhetim”. Já em sua publicação seguinte, *Helena*, Machado constrói uma narrativa com diversas reviravoltas, além de adicionar pitadas de melodrama, se aproximando do conceito de “romance-folhetim”, também de Meyer (1996), e atraindo mais leitores.

Abstract

A mão e a luva was the first novel by Machado de Assis, published in *feuilleton* by the newspaper *O Globo* in 1874. Although it belongs to a genre that has as one of its main characteristics the suspense at the end of each chapter, the writer's work does not have a plot elaborated enough to capture the attention of the nineteenth century reader, and can be considered, according to the definition of Meyer (1996), a "romance em folhetim". In his next publication, *Helena*, Machado constructs a narrative with several twists, besides to adding melodrama, approaching the concept of "romance-folhetim", also of Meyer (1996), and attracting more readers.

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis. Folhetim. Recepção.

KEYWORDS: Machado de Assis. Feuilleton. Reception.

Texto integral

INTRODUÇÃO

O folhetim foi um gênero textual muito disseminado no século XIX. Oriundo da França e tendo como suporte o jornal, se tornou uma forma dos escritores divulgarem seus trabalhos a um público leitor mais amplo, que não compartilhava dos mesmos hábitos de leituras e competência daqueles que consumiam romances (leitor tradicional, mais elitizado e idealizado pelos escritores), graças aos preços mais acessíveis dos periódicos:

Nascido na França durante a primeira metade do século XIX, o folhetim, primeiramente designava o espaço geográfico no jornal no qual se publicava desde piadas à receitas culinárias. O sinônimo de variedades perdurará até o ano de 1836, quando Émile de Girardin idealizou a publicação de ficção em partes sequenciadas, criando então o romance-folhetim visando primordialmente à redução dos custos da impressão, aumentando as tiragens, atraindo mais leitores e proporcionando o acesso do público a leitura. (GONÇALVES, 2013, p. 1-2)

O romance-folhetim, também conhecido como *folhetim folhetinesco*, tem como algumas de suas características, como apontou Marlyse Meyer (1996), o suspense; o corte, já que é uma publicação fragmentada; a acumulação de peripécias; a reviravolta; o "rápido e amplo ritmo folhetinesco dos grandes temas românticos: o herói vingador ou purificador, a jovem deflorada e pura [...]" (p. 31); "recursos de maquinaria comuns aos dois gêneros [folhetim e melodrama]: raptos, perseguições no escuro, tempestades no momento oportuno [ou inoportuno]

[...]” (p. 71), além de sofrer a influência, muitas vezes, de seus leitores, que mandam cartas ao escritor exigindo a volta de uma personagem que já morreu, etc.

Em relação ao leitor, segundo Serra (1997):

[...] o público do folhetim, tanto aqui [Brasil] quanto na França, vai ser aquele de quem não é requerido muito raciocínio; que deparado com uma situação mirabolante e/ou patética, vai procurar a solução dos conflitos no próprio texto, que não lhe propõe qualquer reflexão. Se, por causa das exigências da escola romântica, o romance-folhetim traz embutida uma crítica moral e uma proposta idealizante de solução dos problemas sociais, estas nunca são apresentadas, requerendo a reflexão do leitor, senão a sua empatia pelo caso. (SERRA, 1997, p. 23)

Uma diferenciação importante a ser feita é que nem todas as publicações em folhetins são romances-folhetins propriamente ditos. Elas podem ser apenas romances em folhetim:

[...] o sucesso da fórmula vai também generalizar o modo de publicação de ficção, donde nova etiqueta que confunde: praticamente todos os romances passam a ser publicados nos jornais ou revistas *em folhetim*, ou seja, em fatias seriadas. Se isso afeta a fruição estética – logo recuperada pela subseqüentemente retomada em volume –, facilita todavia o acesso à divulgação ao jovem, ou menos jovem, autor. Mas se todos os romances, em média, passam a ser publicados em folhetim, nem todos são romances-folhetins. (MEYER, 1996, p.59-60, grifo do autor)

De acordo com Serra (1997, p. 21), “o romance em folhetim tem preocupações estruturais e temáticas que diferem das do romance-folhetim, mais voltado ao grande público em busca de diversão, embora esta não seja negada no romance em folhetim”. Para ela, a diferença básica está nos objetivos literários, pois o romance em folhetim é mais sofisticado, elaborado e “está sempre atento à sua organização interna, com vistas a uma unidade da estrutura narrativa necessária para seu valor estético”, já o romance-folhetim, em contrapartida, “pode ser construído no dia a dia até o total esgotamento da curiosidade do público, o que causa, freqüentemente, falhas nessa unidade”.

No Brasil, essa maneira de fazer literatura também se propagou e teve grande sucesso editorial, apesar de não ter atingido “o mesmo apogeu de comercialização como na França, em que é lido e relido pelos operários, porteiros, costureiras, lavadeiras, assim como pela classe abastada” (GARCIA; FERREIRA, 2014, p. 112). Ainda assim, diversos folhetins produzidos na França foram trazidos para os jornais brasileiros com enorme êxito, como *Mistérios de Paris* de Eugene Sue. Outros nomes da literatura brasileira como José de Alencar, Joaquim Manuel

de Macedo e Machado de Assis são alguns dos escritores que já tiveram suas obras publicadas nos rodapés de jornais – espaço destinado aos folhetins. E é sobre o último autor citado que o presente trabalho pretende se ocupar, fazendo uma análise de seus dois primeiros folhetins, *A mão e a luva* (1874) e *Helena* (1876), publicados no jornal *O Globo*, a fim de observar como cada narrativa se adequou ou não às características folhetinescas esperadas pelos leitores de folhetim, além de discutir uma possível readequação do escritor em seu segundo folhetim diante das críticas feitas ao primeiro.

A MÃO E A LUVA

Machado de Assis publicou em 1874, no ano de inauguração do jornal *O Globo*, dirigido por Quintino Bocaiúva, seu primeiro folhetim intitulado *A mão e a luva*, entre 26 de setembro e 3 de novembro. Abaixo segue a tabela com informações contendo o número referente ao ano 1 (ano de surgimento do jornal), a data da publicação e o capítulo referente à edição, retiradas de consultas à Hemeroteca Digital:

Ano 1 - 1874		
n. 53	26 de setembro	Cap I - O fim da carta
n. 55	28 de setembro	Cap. II - Um roupão
n. 56	29 de setembro	Cap. III - Ao pé da cerca
n. 57	30 de setembro	Cap. IV - Latet anguis
n. 58	1 de outubro	Cap. V - Menenice
n. 63	6 de outubro	Cap. VI - O post-scriptum
n. 64	7 de outubro	Cap. VII - Um rival
n. 66	9 de outubro	Cap. VIII - Golpe
n. 72	15 de outubro	Cap. IX - Conspiração
n. 73	16 de outubro	Cap. X - A revellação
n. 76	19 de outubro	Cap. X - A revellação (continuação)
n. 78	21 de outubro	Cap. XI - Luíz Alves
n. 80	23 de outubro	Cap. XII - A viagem
n. 81	24 de outubro	Cap. XIII - Explicações
n. 84	27 de outubro	Cap. XIV - Ex abrupto

n. 85	28 de outubro	Cap. XV - Embargos de terceiro
n. 86	29 de outubro	Cap. XVI - A confissão
n. 87	30 de outubro	Cap. XVII - A carta
n. 88	31 de outubro	Cap. XVIII - A escolha
n. 91	3 de novembro	Cap. XIX - Conclusão

Quadro 1 – Informações sobre a publicação de *A mão e a luva*.

A mão e a luva conta a história de Guiomar, uma jovem moça que vive sob a tutela de sua madrinha, uma baronesa, e possui três pretendentes: Estêvão, um jovem extremamente sentimentalista, carregado de uma retórica *wertheriana*; Jorge, sobrinho da baronesa, que “preferia vegetar à toa, vivendo do pecúlio que dos pais herdara e das esperanças que tinha na afeição da baronesa” (p. 36); e Luís Alves, homem ambicioso e calculista, que “Não era mau rapaz, mas tinha o seu grão de egoísmo, e se não era incapaz de afeições, sabia regê-las, moderá-las, e sobretudo, guiá-las ao seu próprio interesse” (p. 8). Guiomar, que tinha personalidade e interesses semelhante aos de Luís Alves, o quer como marido, mas precisa encontrar uma maneira de fazê-lo sem magoar sua madrinha, que a queria casada com o sobrinho.

Conforme Guimarães (2001, p. 105), “esse foi o romance de Machado de Assis com menor repercussão da imprensa do Rio de Janeiro”. Ele afirma que além “de um registro de lançamento na *Semana Illustrada*, que declara não ter suficiente vulto para entrar em uma apreciação mais longa do livro”, “a única resenha encontrada na imprensa da época foi publicada em Nova York pela revista *O Novo Mundo*”, sob o pseudônimo Araucarius:

"A Mão e a Luva" tal é o titulo d'um romance do nosso sympathico Machado d'Assiz, que fe-lo primitivamente apparecer no folhetim do "Globo" e para satisfazer o anhelos do publico fluminense, tirou-o em separado constituindo o primeiro elo d'essa cadeia de romances que receberam o nome de "Bibliotheca do Globo" Applaudindo de todo o coração tão patriótica ideia, mui propria da illustre redacção do nosso primeiro jornal, exponhamos com lisura o nosso juizo acerca do citado romance. Mostrou-se ainda uma vez o illustre romancista esmerado cultor da forma, mantendo os fóros d'um dos nossos primeiros estylistas; a substancia porém não condiz com esse primor externo; visto como não parecem estar nas notas do seu diapasão thernas de longo folego. Fracos são os caracteres, a urdidura despida de interesse commovente, a acção fria, e o desfecho intuitivo desde o primeiro acto. Resgatam tais defeitos (si assim se podem denominar) a formosura das descripções que molduram o quadro. Pelo que respeita á moralidade pertence á classe dos que como os de Thackeray podem os pais darem ás suas filhas sem previa

Araucarius critica justamente a falta de algumas características folhetinescas como a ausência de movimentação, de suspense e de surpresa em *A mão e a luva*. A previsibilidade do desfecho desde o primeiro ato pode ser vista como uma falha num romance-folhetim, que tem como um de seus objetivos gerar curiosidade no leitor para que ele compre a edição seguinte do jornal. Poucos são os capítulos que tentam criar um clima de expectativa. Dentre eles, destacam-se alguns como o IX, que termina falando sobre a carta que Jorge deixou no livro que Guiomar estava lendo, sem revelar seu conteúdo, apesar de já ser esperado que se tratava de uma declaração de amor do primeiro para a segunda; o capítulo XII, que finaliza com a reação de Guiomar ao perceber que Luís Alves descobriu o motivo pelo qual ela queria viajar com a madrinha (ficar longe de Jorge) e o desgosto do resultado (Jorge se ofereceu para acompanhá-las), junto com uma interrogação imperiosa da jovem, que o narrador não conta ao leitor dizendo: “Se há nos do leitor alguma interrogação, esperemos no capítulo seguinte” (ASSIS, 2008, p. 64); o capítulo XVI, novamente envolvendo uma carta misteriosa, dessa vez para Luís Alves; o final do capítulo XVII, que acaba com Guiomar indo conversar com a baronesa, depois da última ter recebido uma proposta de Luís Alves pedindo permissão para se casar com sua afilhada. A jovem, antes de ir ter com a madrinha, recebe uma advertência de Mrs. Oswald alertando que toda a felicidade da casa estava em suas mãos, referindo-se ao fato de Jorge ser o pretendente desejado pela baronesa para ela. Além desses, outros momentos poderiam ser esperados pelo leitor ao longo da narrativa, como a revelação de Luís Alves a Estevão sobre seu relacionamento com Guiomar e o embate entre os dois, já que se tratavam de melhores amigos, tendo o ambicioso deputado conseguido o amor da moça; o final dos outros pretendentes de Guiomar depois do casamento dela com outro, etc. Ainda assim, as possíveis situações de suspense não são de grande magnitude para prender completamente a atenção do leitor.

Acontece que o autor, ao publicar o livro no mesmo ano, justificou na “Advertência” que seu objetivo principal era o desenho dos caracteres, principalmente o de Guiomar. Essa preocupação fez com que as ações da história fossem diminuídas e os caracteres das personagens acentuados, resultando em uma obra com enredo e trama pouco elaborados. Apesar de críticos como Roberto Schwarz discutirem questões interessantes sobre o romance de Machado, grande parte dos leitores da época estava mais em busca de entretenimento do que de observar aspectos estruturais e mais profundos da obra:

Diante da tarefa de dirigir-se ao público de jornal, muito afeito à leitura dos folhetins estrangeiros, e confrontado com as reações negativas da crítica que, a propósito de *Ressurreição*, indicavam a inexistência de um público virtual anti-romântico, o escritor produz uma narrativa mais conforme os hábitos de leitura correntes, dirigida a um leitor implícito mais identificado com o idealismo de Estevão do que com o materialismo de Guiomar e

Luis Alves, embora estes últimos tragam as marcas da modernidade que o leitor deveria pelo menos ser capaz de reconhecer. *O livro convida o leitor implícito a desvencilhar-se da sensibilidade caduca para fruir a "realidade" e a "modernidade" da narrativa que se lhe apresenta, um convite que não despertou o entusiasmo dos leitores de 1874, mais interessados nas reviravoltas das páginas de Feuillet e Montépin.* (GUIMARÃES, 2001, p. 105, grifo nosso)

A falta, então, de características folhetinescas básicas faz com que *A mão e a luva*, de Machado de Assis, não possa ser considerado um romance-folhetim e sim um romance em folhetim.

O escritor já havia recebido em sua primeira publicação de romance, *Ressurreição* (1872), certas críticas não muito positivas, relacionadas, também, à falta do aspecto romanescos:

[...] os críticos ressentem-se da falta das "paixões violentas", das "grandes tempestades do coração" e da "espontaneidade do sentimento"; em outras palavras, dos ingredientes e do tom da literatura sentimental, que aparentemente deliciava não só o "vulgo", mas também os "amigos da boa e eficaz litteratura", se considerarmos que os artigos são assinados por alguns dos jornalistas e literatos mais respeitados e de gosto mais sofisticado da época. (GUIMARÃES, 2001, p. 95)

Diante das críticas feitas (não todas negativas) ao romance *Ressurreição* e ao folhetim *A mão e a luva*, é possível conjecturar sobre uma influência disso em sua publicação seguinte, já que em *Helena* é possível observar aspectos romanescos, folhetinescos e melodramáticos incorporados à narrativa, sem que o projeto machadiano de uma análise de caracteres seja abandonado.

HELENA

Helena foi a segunda publicação em folhetim de Machado de Assis, também no jornal *O Globo*, em 1876. Abaixo segue a tabela com informações contendo o número referente ao ano 3 (terceiro ano do jornal), a data da publicação e o capítulo referente à edição:

Ano 3 - 1876

n. 211	6 de agosto	Capítulo I
n. 212	7 e 8 de agosto	Capítulo II
n. 213	9 de agosto	Capítulo III
n. 214	10 de agosto	Capítulo IV
n. 215	11 de agosto	Capítulo V
n. 216	12 de agosto	Capítulo VI
n. 217	13 de agosto	Capítulo VI (continuação)
n. 218	14 de agosto	Capítulo VII
n. 219	15 de agosto	Capítulo VIII
n. 220	16 e 17 de agosto	Capítulo IX
n. 221	18 de agosto	Capítulo X
n. 222	19 de agosto	Capítulo XI
n. 223	20 de agosto	Capítulo XII
n. 224	21 de agosto	Capítulo XIII
n. 225	22 de agosto	Capítulo XIV
n. 226	23 de agosto	Capítulo XV
n. 227	24 de agosto	Capítulo XVI
n. 228	25 de agosto	Capítulo XVI (continuação)
n. 229	26 de agosto	Capítulo XVII
n. 230	27 de agosto	Capítulo XVIII
n. 231	28 de agosto	Capítulo XIX
n. 232	29 de agosto	Capítulo XX
n. 233	30 de agosto	Capítulo XXI
n. 234	31 de agosto	Capítulo XXI (continuação)
n. 235	1 de setembro	Capítulo XXII
n. 236	2 de setembro	Capítulo XXIII
n. 237	3 de setembro	Capítulo XXIV
n. 238	4 de setembro	Capítulo XXIV (continuação)
n. 239	5 de setembro	Capítulo XXV
n. 240	6 de setembro	Capítulo XXV (continuação) e começo do Capítulo XXVI
n. 241	7 de setembro	Capítulo XXVI

		(continuação)
n. 242	8 de setembro	Capítulo XXVII
n. 243	9 de setembro	Não foi publicado capítulo
n. 244	10 de setembro	Capítulo XXVIII
n. 245	11 de setembro	Capítulo XVIII
		(continuação)

Quadro 2 – Informações sobre a publicação de Helena.

Helena conta a história do Conselheiro do Vale que, ao morrer, deixa um testamento alegando que teve uma filha fora do casamento, chamada Helena, pedindo, assim, para que seu filho Estácio e sua irmã D. Úrsula a recebam para morar com eles. Aceita na casa, a protagonista se esforça para ser aceita também na família, principalmente por sua tia, que a vê como uma intrusa.

A partir desse enredo, a narrativa se desenrola cheia de reviravoltas e suspenses, além de “grande variedade de personagens, situações e acontecimentos” (GUIMARÃES, 2001, p.109). Um dos maiores é o sentimento incestuoso que Estácio sente por sua irmã e que parece ser correspondido, apesar de na história não haver nenhuma confirmação por parte do narrador em relação a Helena. Outro, é quando se descobre que Helena mentiu para a família, não sendo filha, de fato, do Conselheiro do Vale. Toda a história dela, contada por seu verdadeiro pai, Salvador, que antes não se sabia se era um amante ou um irmão da moça, também é uma grande revelação. O ápice da reviravolta é a morte da garota: uma espécie de suicídio ao ter sido descoberta pela pseudofamília e por ter sido abandonada novamente por Salvador, que acreditava que, fugindo dali, traria mais oportunidades para a filha ser feliz e deixar o passado para trás:

O enredo contém todos os elementos do melodrama, com sua heroína órfã submetida à arbitrariedade e crueldade de figuras paternas e convulsionada por crises sucessivas que envolvem separação e perda, identidades trocadas, sedução, abandono, extorsão, suicídio, vingança, ciúme, obsessão e compulsão. Os sinais do melodrama espalham-se pelo próprio ambiente ficcional, onde temos uma leitora contumaz do "opúsculo moral" pré-romântico Saint-Clair das ilhas, e uma possível leitora do românticíssimo Paulo e Virgínia, que recua diante do Manon Lescaut, considerado por ela como leitura imprópria até para "moças casadas". (GUIMARÃES, 2001, p. 110)

O melodrama, segundo Serra (1997), é um dos gêneros “acoplados” pelo romance-folhetim, assim como o drama:

Num cenário descrito bastante teatralmente, descrição sobretudo dos ambientes onde se passam as ações, percebe-se que o agravamento das tensões vai progressivamente aumentando; o suspense, no entanto, é mantido, capítulo por capítulo, até o fim da narrativa, a fim de que o leitor possa ter uma perspectiva de solução dessas tensões apenas no final do livro. [...]

Um outro aspecto do melodrama que é adotado pelo romance-folhetim é o sensacionalismo, sempre presente em uma narrativa em que o enredo relatando amores contrariados, somados a duelos, tiros, fugas na noite, tudo isso num ambiente de noite tempestuosa cheia de relâmpagos e trovões, é comumente montado sob um discurso fortemente sentimentalista. De um modo geral, há a tendência à comovida contemplação da desgraça humana e a um fascínio pelas situações dramáticas e apaixonantes. (SERRA, 1997, p. 23-24)

Em consonância com os apontamentos de Serra (1997), no final de *Helena*, os protagonistas ficam debaixo de uma tempestade, olhando nos olhos um do outro em uma “primeira revelação, tácita mas consciente, do sentimento que os ligava” (ASSIS, 2008, p. 153), terminando a cena com Estácio tomando-a nos braços para tirá-la da chuva.

Além disso, o narrador de *Helena* tenta criar momentos de suspense em diversas partes da narrativa, como no seguinte trecho: “A origem da moça continuava misteriosa; vantagem grande, porque o obscuro favorecia a lenda, e a cada qual podia atribuir o nascimento de Helena a um amor ilustre ou romanesco, - hipóteses admissíveis, e em todo o caso agradáveis a ambas as partes” (ASSIS, 2008, p. 25).

Os cortes dos capítulos no segundo folhetim de Machado de Assis também foram mais elaborados, a fim de criar expectativa para o seguinte, como o capítulo IX, que termina com Helena admitindo a Estácio que ama, mas sem dizer a quem, e sendo interrompida com a chegada do amigo do irmão. Segundo Guimarães (2001, p. 109), “Com isso, o escritor aproximava-se do gosto de grande parte do público leitor, que tinha muito apreço pelas narrativas melodramáticas e sentimentais, cujos paradigmas eram dados pelas obras de Paul de Kock, Escrich e Ponson du Terrail”.

Inclusive, para criar um clima de suspense maior, a publicação até então diária de *Helena* foi interrompida durante um dia (9 de setembro de 1876), para só na manhã seguinte trazer o desfecho da trama, dividido em duas partes, como pode-se observar no quadro 2.

Ao contrário da recepção de *Ressurreição* e *A mão e a luva*, *Helena* recebeu vários comentários e elogios na época: “Desta vez não há qualquer acusação de frieza, ausência de sentimentos ou emperramento da ação; pelo contrário, elogia-se o livro por ‘correr bem’, pelo ‘prazer em lê-lo’, assim como pelo ‘sentimento elevado, inspiração ardente, e linguagem colorida, opulenta” (GUIMARÃES, 2001, p. 115). Outro feito muito grande, segundo Gilberto Freyre, foi o fato de o nome da

protagonista ter sido dado a muitos bebês nascidos na época por suas mães, mostrando a popularidade da história.

De acordo com Guimarães:

Entre os leitores contemporâneos à primeira publicação da obra, o apelo ao sentimentalismo importado da ficção popular européia revelou-se um recurso eficiente para chamar a atenção, como fica sugerido pelo relativo destaque que seu lançamento teve nas publicações da época. (GUIMARÃES, 2001, p. 113)

Embora Machado de Assis tenha recebido elogios anônimos publicados no jornal, Guimarães aponta que de seus amigos críticos especializados, não houve comentário em nenhum veículo em relação à *Helena*, “nem mesmo dos fiéis José Carlos Rodrigues e Salvador de Mendonça, que haviam publicado apreciações sobre obras anteriores” (GUIMARÃES, 2001, p. 117). Tudo isso fez o estudioso indagar se “Teriam o sentimentalismo e as viravoltas melodramáticas de Helena desagradado aos leitores mais refinados? Impossível responder” (GUIMARÃES, 2001, p. 117), mas pelo o que parece, é possível conjecturar que sim, já que é um de seus romances que mais apela para os aspectos folhetinescos, que aparentam aproximar mais um leitor comum do que um especializado, que exige de sua leitura atributos mais requintados que um simples melodrama.

As características folhetinescas e até melodramáticas e o prazer causado pela leitura, ligados a uma literatura de entretenimento, permitem, portanto, aproximar *Helena* do chamado romance-folhetim. Embora alguns aspectos dessa categoria não existam na obra como, por exemplo, a figura de um vilão propriamente dito, só com a figura tímida de Dr. Camargo, que ameaça contar a verdade sobre Helena não ser filha do Conselheiro apenas para conseguir um bom casamento para a filha, é possível ainda fazer a aproximação do folhetim de Machado com a categoria romance-folhetim.

Uma informação interessante sobre o romance é que ele já havia sido finalizado antes de sua publicação no jornal *O Globo*, tendo seus direitos vendidos para o editor Garnier, diferentemente de *A mão e a luva*, que foi “sujeita às urgências da publicação diária” (ASSIS, 2008, p. 5). Entretanto, isso não influencia diretamente no fato de que, antes de vir como livro, a história apareceria em folhetim, e, por isso, também deveria ser elaborada levando em consideração o gênero e o suporte de publicação:

Em abril de 1876, ao que tudo leva a crer, com o folhetim completamente findado em mãos, Machado de Assis vendia os direitos da obra para o editor B. L. Garnier. Como condição expressa no contrato, era estabelecido que o romance em livro somente viria a público depois do término de sua publicação em folhetim nas páginas do Globo que, conforme sabemos, ocorreria em setembro daquele mesmo ano. Portanto, diferentemente de

outros escritos do autor, o folhetim *Helena* não foi concebido de acordo com as “urgências da publicação diária”²⁵⁰, pois, quando publicado “aos pedaços” no periódico, todo o romance já estava pronto. (SALVAIA, 2014, p. 141)

É importante salientar que ainda que todas essas observações possam ser feitas sobre o romance, não é possível taxá-lo como algo voltado somente para o entretenimento. Em *Helena* pode-se encontrar uma ironia machadiana, ainda que não tão aparente como em suas obras anteriores, sendo assim, mais difícil de enxergá-la. Outras questões mais complexas também podem ser retiradas do texto, como a do paternalismo, abordada por Roberto Schwarz em seu livro *Ao vencedor as batatas*, ou a concepção de um romance de vingança estudada por Eduardo Luz. Como para Machado a análise de caracteres é um dos pormenores fundamentais em uma narrativa, pode-se lê-la considerando também esse aspecto, ainda que para os leitores oitocentistas não especializados isso não seja relevante.

CONCLUSÃO

Diante do que foi exposto no presente trabalho, é possível observar que, enquanto *A mão e a luva*, primeiro folhetim publicado por Machado de Assis, não se adequa às características folhetinescas do romance-folhetim, “um gênero popular, por atender mais à necessidade de divertimento do leitor do que à sua reflexão filosófico-metafísica” (SERRA, 1997, p. 25), sendo, portanto, considerado um romance em folhetim, *Helena* possui o tempero folhetinesco do romance-folhetim, alcançando maior aceitação por parte do leitor não letrado.

Essa primeira recepção da narrativa sobre Guiomar pode ter influenciado a publicação posterior do escritor, que elabora mais o enredo, construindo uma trama com pitadas de melodrama, tragédia e folhetinesco.

Ambas as obras mostram, então, a popularidade do folhetim também no Brasil do século XIX e a influência do gênero romance-folhetim no gosto do leitor, que vai dar preferência, normalmente, a esse tipo de publicação do que as de romances em folhetins, que são mais do gosto de um leitor culto, especialista e letrado.

Referências

ASSIS, Machado de. *A mão e a luva*. Rio de Janeiro: Rovel, 2008.

ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Rovel, 2008.

GARCIA, Débora Cristina Ferreira; FERREIRA, Luzmara Curcino. *Leitores de folhetim do século XIX no Brasil: uma análise de representações discursivas desses novos leitores de folhetim do Correio Paulistano*. IN: Revista da Anpoll, n. 36. Florianópolis, jan-jun 2014. p. 105-131.

Disponível em: <<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/721/736>>
Acesso em 9 jan. 2020.

GONÇALVES, Mariana Couto. O jornalismo literário no século XIX: a imprensa entre folhetins, crônicas e leitores. In: XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 2013, Natal. *Anais [...]*. [S. l.: s. n.], 2013. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1371346244_ARQUIVO_artigoanpuh_ver_saofinal_.pdf. Acesso em: 6 jan. 2019.

GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. (2ª edição). São Paulo: Nankin: Edusp: 2012.

MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

SALVAIA, Priscila. *Diálogos possíveis: o folhetim Helena (1876), de Machado de Assis, no jornal O Globo*. 2014. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas cidades, (5ª edição), 2000.

SERRA, Tania. *Antologia do romance-folhetim: 1839 a 1870*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1997.

Para citar este artigo

NUNES, Gabriela Ribeiro. Os folhetins A mão e a luva e Helena, de Machado de Assis. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 8, n. 3, p. 242-254, set.-dez. 2019.

A autora

Gabriela Ribeiro Nunes é graduada em Letras - Português/Espanhol pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Atualmente, é mestranda em Literatura Brasileira na mesma instituição.